



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Brasil

OLIVEIRA, M. L. R.  
RELAÇÕES DE TRABALHO E ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NO ASSENTAMENTO  
VEREDA I - PADRE BERNARDO (GO)  
HOLOS, vol. 1, 2015, pp. 160-170  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547176015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## RELAÇÕES DE TRABALHO E ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NO ASSENTAMENTO VEREDA I - PADRE BERNARDO (GO)

M. L. R. OLIVEIRA

Universidade Federal de Viçosa-PPGER  
mlromarco@yahoo.com.br

Artigo submetido em maio/2014 e aceito em fevereiro/2015

DOI: 10.15628/holos.2015.2141

### RESUMO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada no assentamento Vereda I localizado no município de Padre Bernardo, no estado de Goiás. Na região da pesquisa, diversos assentamentos foram criados ao final da década de 1990, por trabalhadores de origem rural que migraram, principalmente, do Nordeste brasileiro para trabalhar em Brasília, antes de chegarem no assentamento. Assim, esse espaço surgiu como um campo de possibilidade para que esses trabalhadores pudessem criar condições favoráveis de viver e produzir. Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar uma caracterização geral das relações de trabalho, da

organização da produção e o perfil tecnológico adotado pelos assentados. Como material e método a pesquisa privilegiou o estudo de caso, utilizando-se das entrevistas em profundidades como técnica principal para a coleta das informações. Ao final da pesquisa foi possível identificar que a falta de experiência com as terras do Cerrado, o desconhecimento de tecnologias apropriadas para a região, à falta de infraestrutura e de acompanhamento são apontados como os principais motivos dos baixos resultados na utilização dos créditos e na produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** família; créditos; assistência técnica e roça

## THE LABOR RELATIONS AND ORGANIZATION OF PRODUCTION IN THE SETTLEMENT VEREDA I-PADRE BERNARDO (GO)

### ABSTRACT

This paper is the result of a survey conducted in the settlement Vereda I located in the municipality of Padre Bernardo, in the state of Goiás. In the region there are several settlements created in the decade 1990's by workers of rural origin who migrated mainly from Northeastern of Brazil to work in Brasilia, before arriving in the settlements. Thus, this space has emerged as a field of possibility for these workers. Therefore, the aim of this paper is to present a general characterization of

labor relations, organization of production and technological profile adopted by settlers. The methodological strategy used was the case study, the use of in depth interviews as the main technique for data collection. At the end of the study it was identified that the lack of experience with the lands of the Cerrado, the lack of appropriate technologies for the region, lack of infrastructure and technical assistance are identified as the main reason for the low results.

**KEYWORDS:** family; credits; technical assistance and farm

## 1 INTRODUÇÃO

Parte dos dados que me permitiram escrever essas reflexões são frutos da minha Tese de doutorado Intitulada Retratos de Assentamentos: Um estudo de caso em assentamentos rurais formados por migrantes na região do entorno do Distrito Federal, defendida no curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, do CPDA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O assentamento estudado denominado Vereda I é basicamente formado por trabalhadores que vieram do Distrito Federal para áreas de ocupações de terras, promovidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nesse sentido, esses trabalhadores ocuparam a fazenda Serra Feia, que posteriormente se tornou o assentamento Vereda I, onde se assentou 70 famílias.

Nesse sentido, o objetivo desse estudo é apresentar uma caracterização dos espaços de produção, da relação com a terra, do cotidiano do trabalho na terra, da utilização dos recursos e da assistência técnica, das famílias assentadas no assentamento Vereda I no entorno do Distrito Federal.

## 2 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados nesse trabalho estão baseados no estudo de caso, que consiste num instrumento metodológico mais completo de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos e de forma mais detalhada, auxiliando-se de diferentes técnicas de pesquisa com o intuito de descrever a complexidade de um fato (MARCONI E LAKATOS, 2007).

Por sua vez, Ventura (2007) assinala que o estudo de caso evidencia ser exemplar por ser significativo e completo; por considerar perspectivas e alternativas, e por ser um caso específico e exclusivo apresentando, assim, evidências suficientes de uma maneira atraente e única.

Já como ferramenta de coleta das informações, utilizou-se das entrevistas por permitir que o entrevistado manifestasse suas opiniões, seus argumentos e pontos de vista de uma forma mais descontraída se comparar ao questionário.

Para Trinvíños (1987), a entrevista é utilizada quando se trata de assuntos de natureza complexa, envolvendo valores individuais ou tradições. As perguntas, neste caso, são resultantes não só da teoria que orienta a ação do pesquisador, mas também de toda a informação que já recolheu sobre o fenômeno social que interessa.

Contudo, é importante destacar que nessa região existem quatro assentamentos (Vereda I, Vereda II, Água Quente e Boa Vista) e a escolha do assentamento Vereda I como unidade de pesquisa deve-se ao envolvimento do pesquisador na elaboração do Plano de Desenvolvimento de Assentamentos (PDA's), o que possibilitou ao pesquisador conhecer mais de perto as famílias e a própria realidade do assentamento. Assim, os assentados selecionados para as entrevistas foram definidos a partir dos seguintes critérios:

- Ter origem na zona rural;
- Ter migrado para a cidade, retornado para a zona rural, em áreas de assentamentos rurais;
- Ter trabalhado na cidade com atividades especificamente urbanas, tais como funcionário público civil ou militar, construção civil, metalúrgico, prestador de serviços, camelô, motorista, caminhoneiro, dentre outros;
- Ter morado na cidade por pelo menos 10 anos (esta média refere-se ao número de anos de residência na zona urbana das famílias do Vereda I);
- Ser beneficiário da Reforma Agrária (constar o nome na Relação de Beneficiários (RB), do INCRA, SR-28).

Portanto, em um universo, de 70 famílias, 10 foram selecionadas para participar da pesquisa em profundidade.

### 3 A REGIÃO DA PESQUISA

O assentamento Vereda I encontra-se localizado no município de Padre Bernardo, no estado de Goiás, região do entorno do Distrito Federal, o assentamento foi criado no final do ano de 1999, ou seja, em 21 de dezembro.

De acordo com Oliveira (2012) essa região foi palco de uma série de conflitos por terra no final do século XX envolvendo diversos movimentos sociais tendo o MST como principal articulador. Essas pressões inclusive vão corroborar para que o Incra criasse uma superintendência na região do entorno do Distrito Federal (SR-28), que envolvesse o DF, alguns municípios dos estados de Goiás e Minas Gerais<sup>1</sup>. A justificativa utilizada pelo Órgão para criar a superintendência foi que o aumento dos conflitos agrários na região estava prejudicando o processo de reforma agrária na área do DF e do entorno e por isso era necessário criar uma superintendência com autonomia para atender a região, sendo responsável pela criação e controle desses assentamentos.

Sobre a região onde foram criados os assentamentos ela se encontra a cerca de 100 km da capital federal, o caminho utilizado é pela BR 080 no sentido da cidade satélite de Brazlândia rumo ao município de Padre Bernardo. Na região do Vereda I até dezembro de 2010 existiam quatro assentamentos em sua maioria criados no final do século passado. Esses dados podem ser observados na tabela 01 logo abaixo.

---

<sup>1</sup>Os municípios de abrangência da SR-28 segundo Oliveira (2012) foram: Distrito Federal, os municípios do estado de Goiás: Água Fria, Águas Lindas, Alexânia, Alvorada do Norte, Alto Paraíso, Buritinópolis, Cabeceiras, Campos Belos, Cavalcante, Cidade Ocidental, Cocalzinho, Colinas do Sul, Corumbá de Goiás, Cristalina, Damianópolis, Divinópolis de Goiás, Flores de Goiás, Formosa, Guarani de Goiás, Iaciára, Luziânia, Mambá, Monte Alegre de Goiás, Mimoso de Goiás, Nova Roma, Padre Bernardo, Planaltina de Goiás, Posse, São Domingos, São João D'Aliança, Santo Antônio do Descoberto, Simolândia, Sítio da Abadia, Teresina de Goiás, Vila Boa e Valparaíso, os municípios do Estado de Minas Gerais: Arinos, Buritis, Formoso e Unai.

Tabela 01. Número de famílias e áreas dos assentamentos na região Pé de Serra em Padre Bernardo-GO

Assentamentos	Número aproximado de Famílias	Área (ha)	Tamanho médio de cada chácara em Ha	Data da desapropriação
Água Quente	66	2.829,30	28	17/12/1998
Boa Vista	145	4.380,03	15-17	17/12/1998
Vereda I	70	2.063,78	20	21/12/1999
Vereda II	163	3.760,79	12/15	23/08/2000
<b>Total</b>	<b>444</b>	<b>13.033,91</b>		

Fonte: Pesquisa de campo 2007 e INCRA (SR-28) 2010.

O processo de ocupação das terras e a formação dos acampamentos na região Pé de Serra aconteceu em setembro de 1998 quando foram ocupadas as fazendas: Boa Vista; Água Quente, Serra Feia e Vereda. Os participantes dessas ocupações vinham das cidades satélites de Brasília com uma origem rural, mas que já viviam há anos em Brasília, a maioria era originária dos estados do Nordeste, Goiás e Minas Gerais.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do trabalho, percebeu-se que os assentados, mantêm uma relação com a terra e com o trabalho bem próximo daquelas estabelecidas por Woortmann; Woortmann (1997), que ao estudarem os sítios no sertão sergipano, descrevem-no como um espaço designado para a vida e para o trabalho do agricultor sertanejo, o chamado chão da morada, que seria como um marco simbólico acionado pelo morador para legitimar sua presença na terra onde vive e trabalha e mantêm seus laços simbólicos.

Nesse sentido, as relações de trabalho e produção no assentamento Vereda I podem ser entendidas a partir da ligação que os assentados desenvolvem com a terra propriamente dita, que se deu no período em que a maioria morou no campo, essencialmente em regiões do nordeste brasileiro onde a configuração e a ocupação do espaço são as bases da produção familiar em pequena parcela de terras da família ou até mesmo arrendada. Esse tipo de relação, de certa maneira, está sendo reproduzida no assentamento Vereda I, uma vez que a maioria dos assentados que estão plantando utilizam a mão de obra familiar ou ajuda mútua (troca de dias) envolvendo, assim, os membros da família no processo de produção.

No assentamento também, foi possível identificar famílias que têm renda extra, oriundas principalmente, de trabalhos realizados na cidade (Distrito Federal), aposentadorias ou até mesmo da ajuda de parentes que não moram no assentamento. Esses assentados, ocasionalmente recorrem à utilização de mão de obra para eventuais trabalhos de carpina ou limpeza das áreas. Contratando trabalhadores da própria região.

Os mecanismos de contratação são de duas formas: a primeira é a seca, que é designada pelo pagamento sem refeição, sendo que a diária varia de R\$ 15,00 a R\$20,00, valores pagos em 2007; A segunda é quando se fornece a refeição ou a diária com merenda, esta diária varia em torno de R\$ 12,00 a R\$15,00. Além disso, o valor pode variar de acordo com o tipo de atividade desenvolvida e com o período do ano ou da necessidade de mão de obra extra. Por exemplo, no plantio de arroz que é feito com matraca (plantadeira manual) o dia de serviço normalmente é

mais remunerado porque somente alguns assentados dominam a técnica do uso da matraca, sobretudo, aqueles que viveram uma experiência com plantios anterior a vinda para o assentamento. Na Figura 01 a seguir é possível observar a técnica de plantio utilizando a plantadeira.



**Figura 01 – Assentados utilizando a matraca (plantadeira manual) para plantarem feijão. Fotos do autor.**

As principais culturas produzidas no assentamento são: milho, feijão, arroz, abóbora e mandioca. O excedente da produção, na medida do possível, é destinado à venda ou à troca em feiras ou atravessadores. No Vereda I a prioridade é plantar para o consumo e em média são plantados cerca de dois hectares, podendo variar de acordo com o tamanho da família e com as condições financeiras destas, sendo esta a situação mais preponderante.

É importante observar um número significativo de mulheres laborando nas roças. Isso foi verificado por meio das entrevistas realizadas com as mulheres no qual foi possível perceber que nos períodos chuvosos quando há maior disponibilidade de água para produzir, o trabalho das mulheres na roça é mais intenso. Além disso, é o período ideal para se realizarem mais tarefas. Outro ponto importante a ressaltar que em algumas chácaras, na qual a mulher é a proprietária, todo o trabalho é realizado por ela com ajuda de filhos ou, até mesmo, através da utilização de algum mecanismo de ajuda mútua como pode ser percebido no relato da assentada X: “Aqui, eu trabalho quase que sozinha, quando eu preciso de um serviço mais pesado eu pago um dia de serviço para o fulano ou eu entro no mutirão” (ASSENTADA X, 2006). Na fala da assentada é possível observar as estratégias adotadas por elas para execução dos trabalhos em suas propriedades. Na Figura 02 abaixo observar-se o trabalho em mutirão por mulheres na fabricação de farinha no assentamento.



**Figura 02 – Mulheres fabricando farinha de mandioca. Fotos do autor.**

No assentamento, também, foi possível observar outra relação de trabalho como alguns tipos de ajuda mútua denominados como a troca de dias, que é uma prática muito comum nesse tipo de agrupamento, como relata o assentado D: “[...] um vizinho ou parente vem para mim e trabalha na minha roça hoje, e depois eu fico devendo o dia para ele, aí eu vou e trabalho na roça dele depois. É assim, sem dinheiro só é pago com o trabalho” (ASSENTADO, D, 2006).

Assim, esse tipo de ajuda mútua contribui com a relação de vizinhança ou de parentesco que é importante para as comunidades dessa natureza, pois estes participam das diversas atividades do cotidiano como troca de bens e troca de dias que auxiliam não só na realização das tarefas, assim como nas diversas formas de sociabilidade. É importante ressaltar que esse tipo de apoio apenas acontece com pessoas dos círculos de confiança do indivíduo.

Para Weber (1999), esses laços de solidariedade existentes na comunidade podem ser classificados como um “empréstimo de favor”, que se refere a empréstimos sem juros de bens, de uso e de consumo. Seria um trabalho de favor não remunerado, ou prestação de serviços auxiliares em caso de necessidades urgentes. Assim, ações dessa natureza, como o mutirão, estão vinculadas a uma relação de contrato popular definido como ética popular, em que os membros da comunidade poderiam chegar a uma situação em que precisariam da ajuda dos outros.

Normalmente, a roça é construída através do trabalho masculino; no entanto, o trabalho da mulher deve ser considerado para outras atividades afins. A roça é o resultado final de um processo amplo que se inicia com a derrubada do ‘mato’ (natureza plena) ou da ‘capoeira’ (natureza regenerada) etapa que aconteceu nos primeiros anos de formação do assentamento, onde diversas roças foram formadas entre os tocos, as chamadas roças de toco. E por fim, esse processo termina com o plantio das culturas mais comuns que são: arroz, milho e mandioca. Essa relação construída entre o espaço e a natureza, ou seja, espaços naturais e os espaços cultivados

de um sítio se sucedem e mantém-se ligados num processo temporal: mato-capoeira-pastagem; mato-capoeira-palma. Entre cada um destes momentos, a roça sempre aparece como um termo de mediação.

A roça é, no geral, um espaço contíguo ao chão da morada. Contudo, as roças, também, podem ser plantadas distantes das casas através de parcerias, como o caso de alguns assentados que cultivam hortaliças em parceria com outros assentados que estão próximos às fontes de água como rios ou veredas.

Heredia (1979) classifica a roça como o lugar do trabalho dos membros da família e de onde se tira o sustento. Igualmente, é o local onde o pai ensina ao filho as técnicas agrícolas, necessárias para o trato com a roça. Portanto, um local de aprendizado.

Outro elemento identificado nessa região está associado ao ciclo de chuvas associado ao calendário agrícola, conforme pode ser observado na Tabela 2. O calendário serve de orientação para identificar dois grandes períodos. O primeiro é marcado por uma estação de chuvas que ocorre uma maior intensidade de trabalho. Geralmente esse período está relacionado às atividades que antecedem ao plantio, que normalmente iniciam-se com as primeiras chuvas, conhecidas na região como a *chuva do caju*. Essa chuva serve para fortificar a florada do caju e amacia a terra para o plantio; geralmente a chuva começa no início de setembro. Assim, pode se dizer que o calendário agrícola da região está relacionado com a chuva.

**Tabela 02. Calendário agrícola referente às principais culturas (arroz, milho e feijão)**

Meses	Período de chuva	Preparo do solo	Plantio	Colheita	Tratos culturais	Período de menor intensidade de trabalho
Janeiro						
Fevereiro						
Março						
Abril						
Maio						
Junho						
Julho*						
Agosto						
Setembro						
Outubro						
Novembro						
Dezembro						

Fonte: Essa tabela foi elaborada junto com os assentados entrevistados.

\* Ressalta-se que de julho a outubro o volume de trabalho no assentamento é menor, pois é o período de maior escassez de água.

**Legenda:**

	Período com mais intensidade chuvas na região
	Meses de maior intensidade de trabalho agrícola
	Meses de menor intensidade de trabalho agrícola



Antes dessas chuvas os assentados não preparam a terra para plantar. Nessa etapa, que se inicia no último trimestre do ano, acontece o preparo do solo, aração, gradagem e o plantio do arroz, feijão e do milho. Em alguns casos só ocorre à aração porque o desprovimento de dinheiro não possibilita realizar a gradagem.

No primeiro trimestre do ano acontecem os tratos culturais capinas e adubação. Entre os meses de março e maio são realizadas a colheita e a limpeza do arroz e feijão. Em maio e junho, mês que é realizado a dobra da espiga do milho e preparam-se para a colheita desses no mês seguinte. A colheita é realizada manualmente, às vezes em algumas famílias por meio de mutirão que consiste na troca de dias.

De julho a final de setembro realizam-se outras atividades, como consertar uma cerca, tratar do gado, tirar leite (atividades do cotidiano), ou dos caprinos. Esse segundo período é marcado por um clima seco e com escassez de chuvas. Nesse período, o trabalho é menos intenso, e, portanto, os assentados vão procurar trabalho nas cidades satélites de Brasília, deixando a família no assentamento, e em alguns casos, é a mulher que se transforma em assalariada na cidade, como empregada doméstica ou diarista.

Essas condições climáticas atreladas a condições financeiras e de infraestrutura fazem com que a agricultura da região seja pouco diversificada, ocupando pequenas áreas, visando basicamente o consumo das famílias. Em alguns casos o excedente da produção é negociado em pequenas quantidades. No entanto, no ano da pesquisa a maior parte dos assentados não estava produzindo o suficiente para uma comercialização constante.

Em relação aos principais animais domésticos encontrados figuram as criações de suínos, caprinos, aves, asininos, e em menor escala, bovinos e equinos. Os equinos são criados extensivamente e utilizados principalmente para o transporte de água do poço artesiano até as moradias. Normalmente as criações de pequeno porte são de responsabilidade das crianças e das mulheres. É importante destacar que em relação ao investimento dos créditos, a caprinocultura e a bovinocultura foram os principais destinos dos projetos dos assentados do Vereda I. No caso dos caprinos, o manejo inadequado e a falta de experiência com a criação desse tipo de animal culminou a perda de muitas cabeças. Além disso, a criação de caprinos exige que a propriedade seja bem protegida com cercas para manter o animal longe das plantações.

No caso do gado, os assentados optaram pela compra do gado misto com tendência a corte. No entanto, a escolha do gado foi avaliada pelos entrevistados como um erro, pois é um animal que exige muitos recursos e área para pastagens, que não foram contabilizadas nos projetos.

Já em relação ao padrão tecnológico adotado pelos assentados, identificou-se que este é semi-tecnificado, ou seja, ausência ou pouco uso de maquinário e fertilizantes químicos. Em oito anos de criação do assentamento, as principais plantas cultivadas foram àquelas consideradas desbravadoras que lhes proporcionam sustento quase de imediato, sobretudo, arroz, o feijão, o milho, a mandioca, associadas, principalmente, à criação de pequenos animais.

Essa realidade fez com que os assentados precisassem de adoção de um padrão maior de tecnologia como correção de solo, adubação e utilização de máquinas agrícolas, para preparar a terra para produzir, além de uma infraestrutura que desse suporte às necessidades dos assentados. No entanto, o que foi possível perceber é que essa realidade acabou não

acontecendo como deveria, pois faltou assistência técnica, créditos e infraestrutura necessária para que as famílias pudessem produzir adequadamente.

Nesse sentido, Leite et al (2004) mencionam que os fatores como crédito, infraestrutura e informação, influenciam de forma significativa nas possibilidades produtivas nos assentamentos brasileiros. Para os autores não bastaria apenas o acesso à terra e a contribuição da mão de obra familiar nas atividades, seria necessário também condições de infraestrutura que amenizassem as dificuldades adicionais encontradas pelos assentados.

O uso de tratores para o preparo do solo para o plantio aconteceu nos primeiros anos do assentamento, época que ocorreu a liberação dos créditos de fomento e o crédito do PRONAF A. O uso desses tratores foi através de aluguel, pois na região existem algumas empresas que alugam os tratores para essa finalidade. Outrossim, existem algumas famílias que não alugaram os tratores para o preparo do solo por falta de recursos e fizeram a opção do uso da tração animal para auxiliar na aração e no plantio.

Sobre as análises dos solos e o uso dos calcários, os assentados entrevistados disseram que não realizaram essas técnicas agrônomicas por desconhecimento ou por falta de assistência técnica, o que contribui para resultados poucos expressivos do ponto de vista produtivo. Já os insumos utilizados pelos assentados são as sementes híbridas para o plantio de grãos e para as fruteiras foram compradas mudas já formadas. Igualmente, foi utilizado por conta própria adubação de plantio e cobertura a base de nitrogênio. O uso de adubos orgânicos ou compostagem é muito baixo ou quase inexistente, já que na área do assentamento não existia esterco suficiente para ser utilizado nos plantios.

Em relação à infraestrutura produtiva, pode-se dizer que as instalações que existem até a presente data da pesquisa são ainda precárias ou parciais e foram construídas com recursos dos próprios assentados. As mais comuns de serem encontradas são paióis e depósitos rústicos, casa de farinha e em determinadas chácaras é possível encontrar piquetes para tratamentos com gado, que seriam provenientes de herança anterior à constituição do assentamento. Além disso, algumas chácaras foram parcialmente cercadas, o que sempre causa problema porque o gado, como é criado solto, acaba invadindo essas áreas em busca de alimento. Essa situação causa intrigas entre dono da chácara e o dono do animal. Utilizando a expressão de um entrevistado, “o dono tem que cercar a sua chácara porque se o animal do vizinho entrar é briga na certa” (ASSENTADO, C, 2006).

No caso da assistência técnica, foi contratada uma empresa particular, cadastrada no INCRA, que receberia um percentual de 10% do valor dos créditos liberados de cada assentado, em contrapartida ela ficaria responsável pela elaboração dos projetos, liberação de laudos para o banco disponibilizar o dinheiro e o acompanhamento da execução desses projetos.

Segundo o que foi levantado em campo, e comentado anteriormente houve falta de acompanhamento técnico e falhas na elaboração dos projetos, pois muitos desses projetos não consideraram a aptidão dos assentados ou das áreas em que foram implantados. Teria sido uma das principais falhas da empresa.

Sobre a ausência de uma assistência técnica frequente nessa região, autores como Leite et al (2004) em sua pesquisa já haviam apontado que essa realidade atinge grande parte dos assentamentos do entorno do Distrito Federal. “Os maiores índices de projetos de sem

assistência técnica (ausente) encontram-se no entorno do Distrito Federal e no Sul da Bahia” (LEITE et al, 2004, p. 212).

Por fim, em relação à aplicação dos créditos pode-se dizer que houve várias falhas na utilização desses recursos, como falta de acompanhamento, recurso liberado fora da época do calendário agrícola e uma assistência pouco presente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi provocar reflexões de como os assentados procuram se relacionar com sistema produtivo no assentamento Vereda I na região Pé de Serra. Foi possível perceber que, apesar do esforço que os assentados têm para produzir utilizando seus recursos disponíveis como o aporte da mão de obra familiar para o trabalho na chácara, ou os mecanismos de ajuda mútua, não foram suficientes para que os assentados alcançassem um padrão produtivo que possibilitasse a comercialização.

Como foi discutido ao longo do texto, elementos encontrados neste novo espaço tais como: condições climáticas (dependência do ciclo de chuvas), áreas com pouca fertilidade, padrão tecnológico inadequado, dificuldade em administrar os créditos e assistência técnica ausente, foram fatores preponderantes para essa realidade em relação à produção.

Assim, nas narrativas apresentadas pelos próprios assentados, percebe-se que eles tiveram dificuldades para exercer essa nova condição de agricultores familiares. Isso porque, apesar de terem vivido uma parte de suas vidas em contato com a terra, o grupo nunca tinha estado à frente de algum estabelecimento de produção. Os assentados expressaram que tinham uma experiência muito grande, mas com outras atividades como pedreiro, carpinteiro, motoristas, diarista, empregadas domésticas, caseiros, dentre outras. A experiência com a roça estava limitada ao período que passaram morando com os pais na infância ou adolescência, sobretudo em regiões dos estados do nordeste brasileiro. Essa situação fez com que os assentados tivessem problemas para administrar sua chácara.

Além disso, outra constatação se refere ao problema de assentar famílias em lugares impróprios para agricultura ou que requeiram grandes investimentos. Isso porque as terras da região são consideradas terras com baixa fertilidade, geralmente as terras dos cerrados tendem a ter uma acidez muito elevada e necessitam de grandes tratamentos culturais como adubação, correção de solo, dentre outros, algo que não foi feito pelos assentados.

Os assentados expressam, também, a dificuldade de lidar com as terras do estado de Goiás, como eles gostam de falar. Para aqueles que são naturais do Nordeste brasileiro, a forma de produção, era diferente, não se adubava e no período de chuva conseguia produzir o suficiente para o sustento da família, o que não ocorre com tanta facilidade na região, onde estão assentados.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Sistema Nacional de Cadastro Rural**. Cd ROM. 2006.
2. \_\_\_\_\_. **Projetos de Reforma Agrária Conforme Fases de Implementação**. Disponível em

- <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/reforma->. Acessado em setembro de 2011.
3. HEREDIA, Beatriz Maria. 1979. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. ISBN
  4. LEITE, Sergio. et al. **Impactos dos assentamentos: um estudo sobre o meio rural brasileiro**. São Paulo, Editora da UNESP. 2004. ISBN 8598347019
  5. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
  6. OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de Oliveira. **Retratos de assentamentos: Um estudo de caso em assentamentos rurais formados por migrantes na região do entorno do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). 2007
  7. \_\_\_\_\_. **Formação dos assentamentos rurais na região integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal**. In: ACTA Geográfica, Boa Vista, v.6, n.12, mai./ago. de 2012. pp.155-170.
  8. PEREIRA, José Roberto; et al. **Plano de desenvolvimento do assentamento Vereda I**. Brasília, UnB/UFV. Relatório. 2001.
  9. VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Disponível em: <[http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007\\_05/a2007\\_v20\\_n05\\_art10.pdf](http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf)>. Acesso em 22 de julho de 2011.
  10. WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da UnB. 1999. ISBN 852300390-8
  11. WOORTMANN, Klaas & WOORTMANN, Ellen. **O trabalho da Terra: a lógica simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Unb, 1997.